

A POESIA ONÍVORA DE RICARDO DOMENECK  
THE OMNIVOROUS POETRY OF RICARDO DOMENECK

---

SABRINA SEDLMAYER \*

**Obra resenhada:** DOMENECK, Ricardo. *Cabeça de galinha no chão de cimento*. São Paulo: Editora 34, 2023.

Lançado em 2023 pela Editora 34, *Cabeça de galinha no chão de cimento*, de Ricardo Domeneck, confirma o que a crítica vem destacando desde 2003: trata-se de uma lírica contemporânea em que o homoerotismo é tanto vértice quanto vertigem; uma poética circunstancial com pendor reflexivo e um confessionalismo equilibrado; um diálogo luminoso com a tradição literária, atravessado por tensões do tempo presente; domínio formal, uma voz que se destaca no meio de uma algaravia geracional.

Logo na primeira leitura dessa obra recém-publicada, percebemos, sem grande esforço, esses pontos. Contudo, há avanço em outro território: o da memória, e o poeta assume o risco. Desde o título — *Cabeça de galinha* — até os bolinhos de chuva de uma das dedicatórias do livro, passando pelo sal e pelo açúcar na última estrofe do antepenúltimo poema, a comida infiltra e permeia toda a obra, não apenas em termos semânticos, mas também sintáticos e lexicais. Os alimentos e ingredientes se espriam e contaminam quem sente e lê: capim-cidreira, boldo, hortelã, frangos, pirão, pão doce, espigas de milho, pamonhas, canjica, polenta, curau, pinhas, mangas, ervas, feijão com arroz, farinha, leite, ovos, vinagre, condimentos, jabuticabas, pães, bananas, coxão mole, coxão duro, mel, goiabas, pipoca, garapa. A insistência do milho no tocante poema “Pamonhas de Piracicaba” (p. 33) confirma a escassez de recursos e como o interior da casa em Bebedouro era reduto das mulheres. A avó “faz do milho/ o melhor em casa, o curau e a pamonha/ do nosso pomar doméstico”. Cozinhar em casa, economizar, economizar, manter as notas de mil-réis e “o produto interno/ e bruto/ do coração do milho/ do caroço dos filhos.” (p. 35).

---

\* Professora Titular da Faculdade de Letras da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Pesquisadora do CNPq. [sabrinasp@ufmg.br](mailto:sabrinasp@ufmg.br); [sabrina.sedlmayer@gmail.com](mailto:sabrina.sedlmayer@gmail.com) <https://orcid.org/0000-0002-6606-116x>

Saberes/sabores quemarcaram a experiênciasensorialeafetivado poetasãoevocados numa mirada que não é somente retrospectiva. O distanciamento espacial e temporal altera as cenas, e os biografemas chegam sinedoquicamente enxutos. A comida é, aqui, linguagem, e carrega códigos sociais da cultura junto a significados econômicos, religiosos, étnicos e políticos. Tudo isso entrelaçado a uma lúcida noção de injustiça social, de divisão de classe. A vida vivida numa diminuta cidade do interior de São Paulo, Bebedouro, é então reavaliada e são realizados ajustes de contas (a propósito, conferir o poema “Chacota e Chicote” (p. 55)) e administração dos complexos sentimentos de inferioridade e de culpa.

Nada é apresentado de maneira formal ou com a convencional “goma” do memorialismo. A memória involuntária não flui pelas engrenagens das madeleines. Evocam-se os analfabetos — avó paterna, avô materno, avô paterno, avó materna — e essa rememoração é trabalho do neto letrado. Cabe a ele retrazar linhagens, renascer uma família já quase morta pela metade. Destrinchar camadas temporais e históricas.

Certa altura se autodeclara “guardião e herdeiro” e, como assinalado por Eduardo Sterzi, o legado que gerencia é justamente o do analfabetismo e suas implicações. Como a herança nunca é dada e é sempre uma tarefa a cumprir, o retorno à *casinfância*, como sagazmente elaborou Herberto Helder, é sempre um retorno à *casalouca*. O poeta passa então a rever ritos, relações e lugares, como a imagem da cabeça de galinha no chão de cimento, esse “morticínio ancestral”, que para a sua avó Rosária, era uma tarefa cotidiana, sem culpa, porque não se tratava de *animal cruelty*:

*Quando a minha avó torcia o pescoço  
dos frangos, não raras vezes  
chegando a decapitá-los,  
e os lançava ao chão frio de cimento  
para aquela dança assustadora,  
não havia em seu rosto  
paixão, prazer ou pena.  
Na escuridão escondida dentro do meio-dia,  
aqueles morticínios eram os atos  
mais honestos na violência  
daquela casa e daquela infância.  
Afogando na água fervente*

*os cadáveres sem cabeça  
(que ficara de banda no quintal  
interrogando seu Criador),  
ela passava a depená-los, ágil,  
qual fosse um gavião-pedrês.  
Como o cafuné no crânio da onça,  
no crânio da capivara,  
ou o abraço anelar das garras do carcará  
ao redor do corpo todo-torso da cobra,  
nada naquela velha  
era cogitado  
para além da missão simples:  
alimentar a prole.  
Como todo animal que não questiona  
a cadeia alimentar diante da fome,  
minha avó foi o bicho mais inocente  
da minha casa e da minha selva.  
Mais do que os gatos e pombos,  
mais do que os jabutis e coelhos,  
com certeza  
era mais inocente a minha avó  
do que as cachorras da casa,  
aquelas cachorras grandes e gordas  
com os dentes afiados — mas inúteis,  
esperando também da mamífera-ancião  
que manchasse ela as mãos de sangue.  
(Domeneck, 2023, p. 27)*

Muitos poemas partem de uma experiência pessoal, que é dramatizada, personalizada, logo depois expandida. Um certo despojamento e prosaísmo o aproxima, em alguns momentos, da elegância poética de Kavafis e do traço delicado do desenho de Leonilson (como a capa do livro já sugere, sem spoilers). Já em outros, escancara-se o verbo, e a verve *queer* inunda os versos. Kavafis fazia poesia como “emoção recolhida em tranquilidade”, já em Domeneck há desassossego, angústia, culpa e camadas de ressentimento.

Pouco se sabe sobre o fato de que Marguerite Duras teve seu caderno de receitas lançado pelo filho, em 1999, pela Editora Benoit Jacob, e um imbróglio familiar relativo a direitos autorais fez com que todos os volumes fossem recolhidos do mercado editorial francês. Por um golpe de sorte, ganhei de presente um exemplar de *La Cuisine de Marguerite*, cuja epígrafe ilumina muito do que tentei elaborar aqui. Diz Duras: *La nourriture est faite vraiment pour tout le monde. Comme la vie, elle est faite vraiment pour tous. Pas la littérature...*

Curioso observar que a memória do poeta vai se espraiando à medida que os poemas avançam: do círculo familiar vai em direção aos amigos (vivos e perdidos, mas decididamente daqueles que amamos por escolha). Da comida para a poesia. Mas nem por um segundo o poeta nos deixa esquecer que neste imenso Brasil ainda há fome, insegurança alimentar e muitos analfabetos. Analfabetos que se expressam, como Rosária Baltazar, avó materna do poeta, pela comida que preparam cotidianamente. Mesmo que nunca tenham dito, sentados na mesa de refeições, com suas sabedorias que “A comida é realmente feita para todos”. Coube ao neto reformular a frase e dizer que, como a vida, ela é realmente feita para todos. Mas já a literatura...

## REFERÊNCIAS

CAVAFY, Constantin. *90 e mais quatro poemas*. Versão portuguesa, prefácio, comentários e notas de Jorge de Sena. Coimbra: Centelha, 1986.

DURAS, Marguerite. *La cuisine de Marguerite*. Paris: Benoît Jacob, 1999.

STERZI, Eduardo. Orelha do livro. *Cabeça de galinha no chão de cimento*. DOMENECK, Ricardo. *Cabeça de galinha no chão de cimento*. São Paulo: Editora 34, 202

---

Submetido em 22 de outubro de 2024

Aprovado em 26 de novembro de 2024

Publicado em 26 de janeiro de 2025

---